Capítulo 47

A expansão comercial e marítima européia

Passada a *crise de retração* do século XIV, com secas, fome, peste, guerras, a economia européia retomou o crescimento iniciado com as Cruzadas. Mas, em meados do século XV, começaram a surgir obstáculos ao processo, gerando uma *crise de crescimento.*

A primeira razão era a inadequação entre dois sistemas antagônicos, o feudal (zona rural) e o capitalista (cidades). Sobrevinham dois problemas: a produção agrícola, estagnada devido às características do regime de trabalho servil nos feudos, não era suficiente para abastecer os centros urbanos; e a produção artesanal urbana não encontrava consumidores na zona rural. Resultavam graves tensões sociais nas cidades, como as revoltas na Flandres em 1323 e 1328.

A segunda razão da crise de crescimento se relacionava ao mercado internacional, alimentado principalmente pelos produtos orientais. Esses produtos percorriam longo trajeto, controlado por árabes, cidades italianas e guildas mercantis que operavam nas rotas européias. O grande número de intermediários encarecia os preços, enquanto os senhores, os principais consumidores, tinham suas rendas drenadas pela crise do feudalismo.

Terceira razão da crise: a falta de moedas, escoadas para o Oriente em pagamento das especiarias, criando dificuldades para o desenvolvimento do comércio e forçando a busca de metais preciosos.

Havia, portanto, uma espécie de camisa-de-força contendo a expansão econômica. Como solucionar a crise? Através da expansão marítima, que abriria novos mercados ou conseguiria novas rotas para os mercados tradicionais do Oriente. Os entraves para o crescimento da economia européia seriam eliminados, desde que se encontrassem mercados fornecedores de produtos alimentícios e consumidores de produtos artesanais; fornecedores de especiarias a preço mais baixo, permitindo a ampliação do consumo para camadas de poder aquisitivo mais baixo; e fornecedores de metais preciosos, para aliviar a falta de moedas e o preço exorbitante daqueles metais.

Assim, a expansão comercial e marítima dos tempos modernos foi, acima de tudo, resultado direto da crise de crescimento da economia européia, baseada no antagonismo entre feudalismo em transformação e capitalismo em formação.

1. Condições sociais, políticas e culturais

As condições econômicas só ganham significado quando inseridas num contexto social.

Os interesses econômicos expressavam os objetivos da classe mercantil, sequiosa por ampliar sua faixa de lucros. No plano político, os interesses dessa classe convergiram para o apoio à centralização, que ampliaria as rendas do Estado, armaria seùs exércitos, preencheria seus quadros funcionais, legitimaria seu poder através da legislação.

Em Portugal e Espanha, que tinham acabado de travar luta direta contra os muçulmanos, havia forte ideal missionário. A preocupação de catequizar o gentio servia de justificativa ideológica para a expansão.

Na Idade Média acreditava-se que a Terra tinha formato de um disco. Pelas novas concepções, de que a Terra era esférica, seria possível atingir qualquer ponto navegando em linha reta. Mas era preciso também ter as condições técnicas. Os progressos da cartografia (os *portulanos*), o uso da *bússola* e do *astrolábio* e, sobretudo, a invenção da *caravela* deram a segurança mínima para o mergulho na vastidão dos oceanos.

2. Expansão portuguesa

Desde o século XIII, Portugal mantinha relações comerciais com Inglaterra, Flandres (atuais Bélgica e Holanda) e as cidades italianas. Já vinha tomando medidas para estimular a expansão comercial e marítima: fez acordos para proteger os navios mercantes da pirataria muçulmana.

A expansão dos burgueses portugueses teve fins pacíficos e comerciais; a dos nobres tendia mais ao saque e à conquista das cidades "infiéis" do norte da África. Sob a regência de Dom Pedro, a expansão portuguesa tornou-se irreversível. Depois, viria a exploração comercial, organizada sob a forma de concessões e monopólios, que

levaria os portugueses à Índia (só em 1460 falou-se pela primeira vez em chegar até lá).

É relativa a importância para os descobrimentos que se costuma atribuir à *Escola de Sagres*. Não se tratava de escola de navegação, mas apenas de um grupo de astrônomos, construtores navais, cartógrafos e pilotos experimentados de toda a Europa, reunidos em torno de Dom Henrique, que controlava os recursos da Ordem de Cristo e investia na expansão.

Os descobrimentos sucederam-se: Ceuta (1415), Madeira, Açores, cabo Bojador, cabo Branco, Cabo Verde, golfo da Guiné, até a passagem da linha do Equador, em 1471. Em 1487, Bartolomeu Dias passou o cabo das Tormentas e a seguir, em 1497, Vasco da Gama tocou Moçambique e Melinde, na África oriental, antes de atingir Calicute, na costa oeste da Índia, estabelecendo a primeira ligação direta por mar entre Europa ocidental e países marítimos do Oriente (1498).

Vasco voltou a Lisboa carregado de especiarias. Para organizar o comércio com o entreposto encontrado por ele, partiu em 1500 a frota comandada por Pedro Álvares Cabral, que de passagem atingiria o Brasil.

A formação do Império Colonial Português foi iniciada por Afonso de Albuquerque, com o domínio da passagem do Mar Vermelho em direção à Europa, com o que se conseguiu o monopólio dos produtos orientais. Os portugueses fixaram-se em Goa (oeste da Índia), Diu e Cochim. A tomada de Malaca, em 1511, abriu caminho para a Indochina. Em 1517, chegam à costa da China e, em 1520, são recebidos em Pequim, o que lhes permitiria comerciar com Cantão.

Aproveitadores, aos poucos os portugueses foram sendo obrigados pelos orientais a comerciar com mais justiça. Os produtos eram trocados nas feitorias militares fundadas no Oriente. Todo ano uma frota partia de Lisboa e aproveitava as monções de sudeste para atingir Goa, após dobrar o cabo da Boa Esperança (antes, das Tormentas). Voltava dois meses depois com especiarias, pedras preciosas, objetos raros.

Com o tempo, esse comércio tornou-se antieconômico. Era preciso guarnecer a costa e os portos; os barcos, caros, não resistiam a muitas viagens e freqüentemente naufragavam. Os empresários portugueses reduziram seus investimentos no Oriente e deixaram os gastos a cargo do Estado. Depois de 1530, esse comércio entrou em declínio. Portugal voltou-se então para a exploração comercial agrícola do Brasil.

3. Expansão espanhola

Os espanhóis estavam atrasados em relação a Portugal. No fim do século XV, não haviam conquistado a total unidade do país. Assim, foi praticamente por acaso que Cristóvão Colombo entrou para o serviço dos reis da Espanha, depois de esbarrar no desinteresse português. Com apoio de armadores e da rainha de Castela, Isabel, conseguiu três navios e a promessa do cargo de vice-rei das terras descobertas. Afirmava que alcançaria as Índias navegando para o Ocidente.

Partindo das Canárias, Colombo navegou 33 dias e chegou às ilhas Lucaias, Cuba e São Domingos em 1492. Pensando ter chegado às Índias, chamou os habitantes da terra de *índios*, nome que persistiu até hoje. Fez mais três viagens, em que descobriu outras ilhas das Antilhas e parte da América Central, e caiu no esquecimento, por causa de intrigas na corte espanhola (acusaram-no de pretender o poder total nas terras do Novo Mundo).

Um companheiro de viagens de Colombo provaria que as terras encontradas não eram as Índias, mas outro continente, entre Europa e Ásia. Era um navegador de Florença. Seu nome: Américo Vespúcio. Daí o nome *América*.

Em 1513, *Vasco de Balboa* cruzou a América Central e chegou ao Oceano Pacífico. Fernão de Magalhães iniciou em 1519 a primeira viagem em torno do mundo, a viagem de *circunavegação*, mas morreu em 1521, nas Filipinas, deixando a glória de completá-la para Sebastião del Cano. Ficava comprovada que a Terra era uma esfera: a expedição partiu de Cádiz e, navegando sempre na mesma direção, voltou ao mesmo lugar.

Enquanto os portugueses permaneceram na costa das terras conquistadas, os espanhóis penetraram nelas, em busca de riquezas. Descobriram civilizações adiantadas e ricas, como a dos astecas no México e a dos incas no Peru. Escravizaram esses povos, forçando-os a trabalhar nas minas de ouro e prata e na agricultura.

Com a descoberta dos metais, obtiveram a hegemonia na Europa. Daí as diferenças na forma de organização do comércio colonial dos impérios português e espanhol. Os lucros foram enormes. Todo ano uma frota partia de Sevilha para Vera Cruz,

México, e voltava carregada de metais preciosos. A hegemonia espanhola na Europa, com a abundância de metais, inflacionou os preços, que quadruplicaram em um século. O centro da economia européia se deslocou do Mediterrâneo para o Atlântico.

4. *Expansão inglesa e francesa*

França e Inglaterra tiveram problemas internos que atrasaram sua expansão: foi demorado o processo de centralização do poder do Estado nas mãos do rei e houve várias guerras, como a das Duas Rosas na Inglaterra e a dos Cem Anos, entre Inglaterra e França.

O êxito de Portugal e Espanha estimulou ingleses e franceses. O florentino Verazzano percorreu a costa da América do Norte em nome de Francisco I da França. Jacques Cartier descobriu o estuário do Rio São Lourenço no atual Canadá. Giovanni Caboto, a serviço de Henrique VIII, reconheceu as costas do Labrador e Terra Nova. Foram tentativas limitadas. Os maiores feitos ingleses e franceses no plano da colonização sistemática viriam no início do século XVII.

Questões propostas

1. Resuma os quatro principais fatores que condicionaram a expansão européia: econômicos, sócio-políticos, religiosos e culturais.

2. Como se manifestou o pioneirismo da expansão portuguesa?

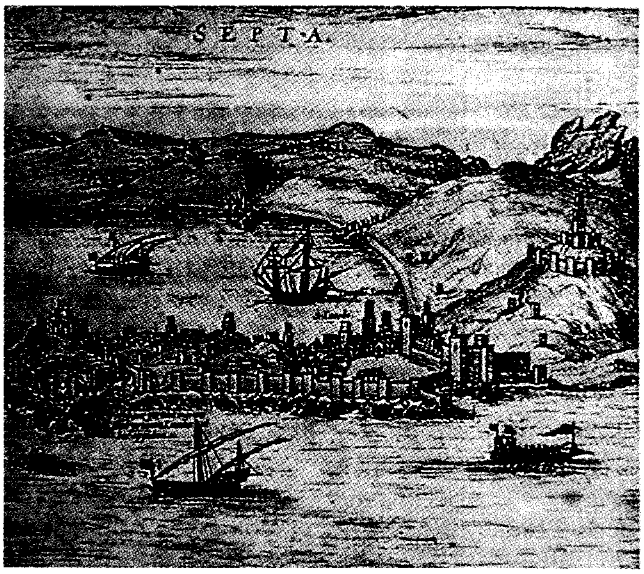
3. Qual a diferença entre a expansão portuguesa conduzida pela burguesia mercantil e a conduzida pela nobreza?

4. Resuma os principais feitos portugueses entre 1415 (Ceuta) e 1530 (Brasil).

5. Como se deu a expansão espanhola? Em que diferiu da portuguesa?

6. O que foi a circunavegação?

7. Por que os ingleses e franceses demoraram a expandir-se? Quando isto aconteceu e onde eles concentraram seus interesses?



Ceuta, numa gravura do século XVI.